Síntese: Revista de Filosofia adere a uma Licença
Não comercial 4.0 Internacional - Creative Commons

DOI: 10.20911/21769389v48n150p169/2021

PADRE VAZ E A COMPREENSÃO DO SEU TEMPO

Father Vaz and the understanding of his time

Marcelo Perine *

Resumo: **Este artigo pretende evidenciar a singular compreensão filosófica do Padre Vaz de alguns problemas de fronteira entre filosofia e teologia, sobre as relações entre cristianismo e sociedade e cristianismo e utopia, expressa em três Editoriais da revista *Síntese* nos anos 1980. A compreensão do Padre Vaz dessas questões que marcaram profundamente a discussão acadêmica, filosófica e teológica brasileira, daqueles anos, coincide substancialmente com a compreensão filosófica dessas mesmas questões no ambiente cultural europeu, expressa em dois artigos de Eric Weil, publicados entre 1953 e 1962.**

Palavras-chave: **Padre Vaz. Eric Weil. Cristianismo. Sociedade. Utopia. Ação política.**

Abstract: **This article aims to highlight Father Vaz's unique philosophical understanding of some problems at the frontiers of philosophy and theology, concerning the relationship between Christianity and society and Christianity and utopia, expressed in three Editorials of the journal Síntese in the 1980s. His philosophical understanding of those issues, which profoundly marked the Brazilian philosophical and theological academic discussion of the time, substantially coincides with that of the very same issues in the European cultural environment, expressed in two of Eric Weil´s articles, published between 1953 and 1962.**

Keywords: **Father Vaz. Eric Weil. Christianity. Society. Utopia. Political Action.**

* Professor Associado da PUC-SP. A publicação desse artigo contou com apoio do Plano de Incentivo à Pesquisa (PIPEq) Edital 10301/2021/1 da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Artigo enviado em 09/02/2021 e aprovado para publicação em 16/02/2021.

Introdução

"Pois pensar é o tempo propício mais excelente".
Píndaro, *Olímpicas*, XIII,48[1]

O lugar de Henrique de Lima Vaz na história recente da filosofia no Brasil já está adequadamente demarcado, tanto pela excepcional qualidade da sua obra publicada no arco de mais de cinquenta anos da sua "vida filosófica", como pela volumosa produção de artigos, livros, coletâneas, dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre diferentes aspectos do seu pensamento, conforme evidencia a página do Memorial Padre Vaz no Portal da FAJE.[2] Sinal do adequado reconhecimento do lugar atribuído à pessoa e à obra do Padre Vaz é a feliz expressão com que Ivan Domingues, situando-o na "matriz metafísica" da filosofia no Brasil nos últimos 50 anos, define o *ethos* da atuação em termos de "intelectual público".[3]

O acerto da definição é corroborado, indiretamente, pelo depoimento redigido pelo Padre Vaz para o volume *Rumos da Filosofia atual no Brasil,*[4] republicado em *Cristianismo e Histórica*, volume em homenagem ao seu sexagésimo aniversário.[5] Avesso a todo tipo de exposição pública, a ponto de eu ter aplicado a ele, no volume que organizei em sua homenagem poucos meses após seu falecimento, a sentença de um antigo biógrafo de Aristóteles para caracterizar a sua excelência moral – "de caráter comedido até a desmesura"[6] –, o Padre Vaz concedeu duas importantes entrevistas que oferecem abundante comprovação do caráter público da sua atividade filosófica.[7]

Embora já tivesse publicado, a partir de 1948, mais de uma dezena de artigos nas revistas *Verbum* da PUC-Rio, na *Revista Portuguesa de Filosofia* e nos *Cadernos de Formação e Cultura,*[8] o veículo privilegiado de publiciza-

---

[1] Na edição inglesa de Diane Arnson Svarlien da Biblioteca Digital Perseus o verso "knowing it is the best and most timely way" encontra-se na linha 48 da *Olímpica* XIII; na edição grega o verso "νοῆσαι δὲ καιρὸς ἄριστος" encontra-se na linha 68. Cf. http://www.perseus.tufts.edu/hopper/searchresults?q=Pindar

[2] Cf. http://www.padrevaz.com.br/; https://www.faculdadejesuita.edu.br/

[3] Cf. DOMINGUES, I. *Filosofia no Brasil.* Legados & Perspectivas. Ensaios metafilosóficos. São Paulo, Editora Unesp, 2017, p. 477, 481-488. Sobre a apresentação do Padre Vaz no livro de Ivan Domingues, ver as excelentes reflexões de: OLIVEIRA, C. M. R. de, A filosofia de Henrique Cláudio de Lima Vaz, *Argumentos. Revista de Filosofia*, ano 13, n. 25, jan./jun. 2021, p. 206-214, espec. p. 207-208.

[4] Cf. LADUSÂNS, S. (Coord.), *Rumos da Filosofia atual no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola, 1976, p. 279-311.

[5] Cf. PALÁCIO, C. (Coord.), *Cristianismo e histórica*, São Paulo: Edições Loyola, 1982, p. 415-425.

[6] Cf. PERINE, M. *Diálogos com a cultura contemporânea.* Homenagem ao Pe. Henrique Claudio de Lima Vaz SJ, São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 157.

[7] Cf. NOBRE, M.; REGO, J. M. (Orgs.). Entrevista com Henrique Claudio de Lima Vaz. In: *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 29-44; LEOPOLDO E SILVA, F. Filosofia e forma da ação. Uma entrevista de Henrique Claudio de Lima Vaz aos *Cadernos de Filosofia Alemã* 2, 1997, p. 77-102.

ção do pensamento filosófico do Padre Vaz foi a Revista *Síntese*, desde a primeira fase da revista, de 1959 a 1968, com o nome de *Síntese Política, Econômica e Social (SPES)*. Já no primeiro volume aparecem os memoráveis textos sobre "Marxismo e filosofia I-V", e, posteriormente, outros de grande repercussão como "Cristianismo e consciência histórica (I-II)", "Consciência e realidade nacional" e "A grande mensagem de S.S. João XXIII"[9]. Além dos periódicos acima citados, também a revista *Vozes* e a *Revista Eclesiástica Brasileira* acolheram numerosas contribuições do Padre Vaz.

A nova fase da *Síntese* começou em 1974. Na apresentação da Nova Síntese, a Direção da revista afirmou que ela era "nova pela inclusão, no âmbito de seus interesses, da reflexão sobre os grandes problemas culturais contemporâneos"; "nova, principalmente, pela nova síntese, em cuja elaboração pretende cooperar, dos elementos conflitantes que caracterizam a atual conjuntura brasileira", e que sua novidade não era "apenas um título, mas um programa". Segundo a Direção da revista a Nova Síntese guardava do passado "a preocupação de fidelidade à verdade que transcende todas as conjunturas e todos os regimes"; e do presente, esperava "poder contar com a liberdade, garantida a todas as democracias, para as ousadias necessárias, a fim de ganhar altura sobre o chão agitado das paixões ideológicas e das contestações radicais e poder descortinar as grandes linhas da nova síntese que se esboça".[10]

Ao longo de 27 anos, o Padre Vaz foi, incontestavelmente, a *alma* da revista *Síntese*. Mas, por muitos anos, também as *mãos* da revista. Posso testemunhar, pelos anos em que colaborei com ele na revista, de 1986 a 1993, o cuidado com que analisava os textos submetidos à publicação, o empenho na sua preparação, na revisão e correção das provas e até mesmo na expedição dos exemplares aos assinantes. Alguns volumes de seus *Escritos de filosofia*, que vieram à luz a partir de 1986, têm origem nos mais de 60 textos, editoriais, notas bibliográficas, além de numerosas resenhas de livros, publicados na *Síntese.* Assim como na primeira fase, também a nova fase da *Síntese* foi inaugurada com um texto programático do Padre Vaz: "A história em questão"[11], que testemunhava a ousadia necessária para refletir sobre os grandes problemas culturais contemporâneos. E sua impressionante contribuição com a revista, em rigorosa fidelidade ao programa e às expectativas expressas na apresentação da nova *Síntese*, se encerrou com um não menos emblemático texto sobre "Humanismo hoje: tradição e missão".[12]

---

[8] Ver a relação completa em: http://www.padrevaz.com.br/index.php/bibliografia/bibliografia--completa.

[9] Cf. VAZ, H. C. de L. Marxismo e filosofia I-II, *Síntese Política, Econômica e Social* (SPES), v. 1, n. 1, p. 29-44, jan./mar. 1959; Marxismo e filosofia III, v. 1, n. 2, p. 46-64, abr./jun. 1959;e Marxismo e filosofia IV-V, v. 1, n. 3, p. 48-68, jul./set. 1959.

[10] A Nova Síntese, *Síntese Nova Fase*, v. 1, n. 1, p. 3-4, jan./jun. 1974.

[11] Cf. VAZ, H. C. de L.A história em questão. *Síntese Nova Fase*, v. 1, n. 1, p. 5-23, jan./jun. 1974.

[12] Cf. VAZ, H. C. de L., Humanismo hoje: tradição e missão. *Síntese. Revista de Filosofia*, v. 28, n. 90, p. 157-168, mai./ago. 2001.

O pensar como tempo propício mais excelente

A sentença de Píndaro, posta como epígrafe dessa modesta contribuição às comemorações do centenário de nascimento do Padre Vaz, é a última linha do já referido texto "A história em questão", que inaugurou a nova fase da *Síntese*. A epígrafe visa justificar a escolha do título da presente reflexão. Evidentemente está acima de minhas forças e longe de qualquer pretensão a veleidade de resumir a compreensão de seu tempo, formulada pelo pensar do Padre Vaz nos textos publicados na revista *Síntese* ao longo dos últimos 27 anos da sua vida filosófica.

Durante esse período tive a fortuna de tê-lo como superior religioso no tempo de meus estudos de teologia na PUC-Rio (1977-1980) e, posteriormente, como companheiro de magistério na Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus em Belo Horizonte (1986-1993). Devo ao Padre Vaz a escolha do autor que foi objeto da minha tese de doutorado em filosofia e seu aconselhamento à distância no período de estudos em Roma (1981-1986),[13] e busquei constantemente inspiração em seus escritos para grande parte da minha produção intelectual publicada após da conclusão do doutorado,[14] particularmente no campo da filosofia moral e política.

No âmbito de um recorte temporal muito limitado, tomarei como objeto de reflexão uma temática que ainda não ousei enfrentar diretamente na obra do Padre Vaz. As referências da minha reflexão são três Editoriais de *Síntese*, dois de 1982, um de 1984. A partir dessa pequena amostra, espero indicar como o pensar do Padre Vaz sobre religião e sociedade, cristianismo e utopia compreende, na conceptualidade filosófica, alguns dos problemas culturais do seu tempo, com os elementos conflitantes que caracterizavam a conjuntura brasileira dos anos 1980.[15]

O título do Editorial do número 24 de *Síntese* é uma pergunta instigante, até mesmo provocadora: Um cristianismo para o povo? Ao ser incluído como Anexo III no primeiro volume de *Escritos de filosofia*, recebeu o título, a meu ver mais adequado, de Cristianismo e Ocidente,[16] dado que para a

---

[13] Cf. PERINE, M. *Filosofia e violência*. Sentido e intenção da filosofia de Eric Weil, São Paulo, Edições Loyola, 1987 (2ª ed. 2013).

[14] Algumas referências encontram-se no Memorial do Padre Vaz, no Portal da FAJE: http://www.padrevaz.com.br/index.php/bibliografia/bibliografia-completa/67-livros-e-artigos-sobre--lima-vaz. Sobre a presença do Padre Vaz no meu itinerário filosófico, peço a benevolência do(a) leitor(a) para remeter ao meu depoimento recentemente publicado no dossiê Filosofia do Brasil da Revista *Argumentos*. Cf. PERINE, M. Padre Vaz no meu caminho filosófico, *Argumentos. Revista de Filosofia*, ano 13, n. 25, jan./jun. 2021, p. 199-205.

[15] Os textos de referência são: "Um cristianismo para o povo?" (Editorial), v. 9, n. 24, p. 5-9, jan./abr. 1982; "Religião e sociedade" (Editorial), v. 9, n. 25, p. 5-10, maio/ago. 1982; "Cristianismo e pensamento utópico. A propósito da Teologia da libertação" (Editorial), v. 11, n. 32, p. 5-19, set./dez., 1984.

[16] Cf. *Escritos de filosofia I.* Problemas de fronteira, São Paulo: Edições Loyola, 1986 (4ª ed. 2014), p. 282-285.

reflexão vaziana é incontestável o reconhecimento do cristianismo como um dos mais poderosos agentes civilizadores do Ocidente, a ponto de justificar uma comunidade de destino que une Ocidente e cristianismo. O que inquietava o Padre Vaz era o esforço de certa ala do pensamento cristão contemporâneo e da linha de frente da teologia latino-americana em dissociar, histórica e teoricamente, cristianismo e Ocidente, cujo resultado seria a gênese da imensa ilusão do reconhecimento do fim do cristianismo histórico. Segundo Padre Vaz, a argumentação da vulgata teológica era de tipo essencialmente ideológico, inspirada no sociologismo escatológico marxista, que imagina a história nos termos da "sociomaquia" da luta de classes, que comprometia o cristianismo histórico.

O simplismo da leitura marxista da história decorre do pressuposto da autonomia dos sistemas simbólicos que constituem o mundo da cultura, pensados como constelações ideológicas opostas em permanente conflito no interior desse mundo. Pensar o cristianismo histórico segundo o maniqueísmo dialético da luta de classes como chave primeira da história equivale a pensar um "cristianismo popular" nos termos dos socialismos utópicos. Segundo o Padre Vaz, não foi o caso de Marx, que, "com exemplar honestidade intelectual, julgando reconhecer a solidariedade histórica entre cristianismo e dominação de classe, articulou dialeticamente o fim do cristianismo ao fim da luta de classes".

Segundo Padre Vaz, o "paradoxo da encarnação" faz do cristianismo uma *religião da história*, nascida do enraizamento do *fato* do Cristo num *solo histórico* particular, revelando-se como a mais poderosa força civilizatória do Ocidente. A passagem da particularidade de sua origem para a universalidade efetiva de seu destino é a herança e a tarefa que o "paradoxo do cristianismo" legou ao Ocidente ao assumir a "particularidade humana de uma *tradição*, vem a ser, de um espaço simbólico e da sua história".

O segundo Editorial a ser considerado aqui intitula-se "Religião e Sociedade", publicado no n. 25 de *Síntese*, também republicado como Anexo IV em *Escritos de filosofia I*.[17] O ponto de partida da reflexão é um artigo de Cornelius Castoriadis, publicado na Revista *Esprit,* sobre o problema das relações entre religião e sociedade;[18] Não vou retomar aqui a sintética exposição do artigo, mas o que me parece ser o seu "resultado", segundo Padre Vaz: Castoriadis recusa as sociologizações 'superficiais' da religião, traduzidas pela metáfora espacial da 'projeção', para propor sua sociologização 'profunda', traduzida pela metáfora orgânica do fato religioso como princípio e forma vivente da instituição social. Entretanto, é o pressuposto teórico da *identidade* do religioso e do social, introduzido pela tradição marxista como premissa de uma crítica da religião, que precisa ser discutido, uma vez que ele põe

[17] Cf. *Escritos de filosofia I.* Problemas de fronteira, São Paulo: Edições Loyola, 1986 (4ª ed. 2014), p. 286-290.

[18] O título do artigo, não citado pelo Padre Vaz, é: Institution de la société et religion (août 1978-mai 1980). *Esprit*, mai 1982: 116-31.

em questão a própria natureza do fato religioso e o destino da religião no mundo contemporâneo, que, por um aparente paradoxo, desembocou numa violenta e intolerante sacralização do social.

Segundo Padre Vaz, o que evidencia o arbítrio de base das leituras redutivamente sociológicas do fato religioso é a originalidade da experiência religiosa autêntica,[19] caracterizada pelo equilíbrio entre a pessoa e a instituição, a vida interior e a lei exterior, a espontaneidade e a norma, a ação e a contemplação. O reconhecimento da originalidade e a aceitação da tensão irredutível entre o *pessoal* e o *social,* constitutivos da experiência religiosa, vai na contramão da afirmação da identidade do religioso e do social, que leva à sacralização da sociedade e encontra seu *clímax* na sociologização da fé a título de legitimação da militância cristã no mundo.

A incontida aspiração à legitimação sociopolítica do religioso é uma das consequências da crise das significações religiosas tradicionais provocada pela emergência do Estado nacional e laico e pela proclamação da autonomia do político. A transcrição teórica dessa aspiração nos termos aristotélicos de um silogismo prático seria: "a sociedade autônoma ou auto-instituída deve ser realizada como exigência da razão moderna e a sociedade heterônoma suprimida; ora, a religião é o segredo do imaginário social da sociedade heterônoma; logo, a religião deve ser suprimida como exigência da razão moderna".

O desafio que se apresenta ao cristianismo como religião da fé na encarnação de Deus na história, que não autoriza nenhum recuo para as fronteiras meramente *subjetivas* da experiência religiosa, consiste em *reinventar* o lugar social da religião cristã e das Igrejas na moderna sociedade política. Uma primeira resposta a esse desafio deve ser dada na prática social dos cristãos e no seu compromisso com a justiça como exigência da fé, sem esquecer que essa prática está submetida ao campo das forças do universo político e corre o risco de ser orientada pela racionalidade técnico-experimental ou ideológica, voltada para a satisfação das necessidades.

O terceiro Editorial que pretendo considerar foi, talvez, o que provocou o maior desconforto entre alguns companheiros do Padre Vaz ligados à teologia da libertação. Com o título "Cristianismo e pensamento utópico. A propósito da Teologia da libertação",[20] o Editorial foi motivado pela então recente publicação da *Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé*, intitulada *Sobre alguns aspectos da teologia da libertação.*[21] Pela sua extensão

---

[19] O tema já fora amplamente tratado pelo Padre Vaz. Cf. A experiência de Deus, *Grande Sinal*, v. 27, n. 7, p. 483-498, set. 1973, republicado com o título "A linguagem da experiência de Deus" em *Escritos de filosofia I*, *op. cit.*, p. 241-256.

[20] O Editorial foi republicado como Anexo V, com o título de Cristianismo e utopia, em *Escritos de filosofia I*, *op. cit.*, p. 291-302.

[21] O documento, assinado pelo Cardeal Joseph Ratzinger, foi publicado no dia 6 de agosto de 1985. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html

o texto de 15 páginas foge ao padrão dos Editoriais da Revista *Síntese*. A decisão de publicar o texto como Editorial certamente visava manifestar, além da posição pessoal do autor, uma posição *oficial* da revista a respeito do objeto da reflexão.

Chama a atenção no Editorial o número de remissões explícitas a textos anteriormente publicados pelo Padre Vaz, assumidos aqui como antecedentes de uma elaboração teórica com a qual o Editorial se mostrava plenamente consequente.[22] As remissões a esses textos cobrem um arco de mais de 20 anos de elaboração teórica sobre alguns "problemas de fronteira", para lembrar o título do primeiro volume de seus *Escritos de filosofia*.

Nessa fronteira de separação e de *união sem confusão* entre filosofia e teologia, a reflexão vaziana se empenha em compreender o ensinamento da Igreja no interior de um "tempo histórico específico e original que não pode ser simplesmente confundido com a atualidade do tempo social e político ou do tempo cultural". A compreensão da história como *história da salvação*, estruturada em torno do eixo *cristológico* que ordena o tempo da Igreja, revela "uma dimensão do tempo que se descobre somente aos olhos da fé e cuja interpretação é essencialmente *teológica*". Portanto, o texto da *Instrução* do magistério da Igreja lido como texto *teológico,* vale dizer, produzido pela razão eclesial como razão teologal, impõe a sua interpretação à luz da *atualidade* que o evento teândrico – a encarnação – institui para o tempo da Igreja. A questão decisiva situa-se no plano teológico, "onde se trata de saber que tipo de *logos* ou de razão discursiva sobre a história pode desenvolver-se a partir do evento principial e fundador que é o fato do Cristo". Padre Vaz afirma que a convicção que guia a sua reflexão coincide com a questão de fundo levantada pela *Instrução*, a saber, o reaparecimento, no interior de algumas correntes da teologia da libertação, "da velha oposição entre cristianismo e *pensamento utópico*".

Após evocar brevemente que seu itinerário de reflexão é representativo das vicissitudes teóricas do pensamento cristão no Brasil nas últimas décadas, referindo-se à parte "reconhecidamente modesta" que teve na pré-história da teologia da libertação, Padre Vaz afirma que entre o fim da Ação Católica e a Igreja pós-Medellin, "a utilização de algumas categorias básicas da teoria marxista da história [...] e da *teorização* marxista da sociedade de classes, passou a predominar na expressão conceptual do *ver* e *julgar* dos militantes cristãos". Ao mesmo tempo, manifesta a convicção de que a recepção da assim chamada "análise marxista" entre os militantes da Ação Católica deveu-se mais à poderosa atração das pro-

[22] O Padre Vaz remete aos seguintes textos já citados anteriormente: "A grande mensagem de S. S. João XXIII" (de 1963); "Cristianismo e consciência histórica" (de 1960 e 1961); "Marxismo e filosofia" (de 1959). Ademais, remete também a: "Ateísmo e mito: a propósito do ateísmo do jovem Marx", *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 26, n. 1-2, jan./jun., p. 20-50, 1970; "Marx e o cristianismo", *Perspectiva Teológica*, v. 15, n. 37, p. 351-364, set./dez. 1983, e ao Editorial "Um centenário: Karl Marx", de *Síntese. Nova Fase,* v. 10, n. 27, p. 5-8, jan./abr. 1983.

messas do pensamento utópico do que ao resultado comprovado de uma análise científica da realidade. Esse déficit de cientificidade apontado pela *Instrução* decorre do fato de não submeter a análise marxista às exigências de uma epistemologia crítica e ao juízo da metaciência ou da metafilosofia implicada em suas proposições, que devem passar pelo crivo de critérios de uma *teologia da história*.

A inconciliável oposição entre a leitura *teológica* da história e a *teoria* subjacente ao digesto marxista assumido pelas teologias da libertação se revela, particularmente, na questão da "luta de classes", assumida como *princípio* fundante de uma compreensão totalizante do curso da história, em termos de uma sociomaquia implacável entre as classes hipostasiadas em combatentes míticos. É a partir de uma consistente caracterização da estrutura essencial do pensamento utópico em sentido *estrito*, em oposição ao pensamento *transcendental*, que Padre Vaz propõe compreender a inconciliável oposição entre cristianismo e utopia. O ponto central é a oposição entre o "intento de *negação* do mundo através do paroxismo da sua *afirmação*", como "intento de instauração de um *além* do mundo na imanência absoluta de seu *aquém*", próprio do pensamento mítico, e a estrutura típica da negação dialética do pensamento transcendental, que suprime conservando e, portanto, "faz da *negação* do mundo um movimento de *transcensão"* da contingência, para fundá-la num princípio ou numa realidade exemplar legisladora.

A transposição dessa compreensão filosófica para o âmbito da inteligência da fé revela que a oposição entre fé cristã e utopia realça a originalidade da visão cristã da história, na qual a referência da história empírica a uma "meta-história" normativa se traduz como *atualização* na *tradição* da Igreja da presença do Absoluto no tempo com o advento da encarnação do Verbo. Segundo Padre Vaz, a tentação utópica que ronda a tradição cristã "apresenta-se hermeneuticamente como uma leitura materialista do mistério da encarnação [...] no sentido de que quebra, em favor da imanência, a tensão entre a liberdade absoluta de Deus que irrompe na história e a liberdade contingente do homem assumida pelo Verbo no mistério teândrico".

É em torno dessa questão *teórica* que, segundo Padre Vaz, se pode compreender o "ponto de inflexão", que levou boa parte da militância cristã e da *intelligentsia* clerical latino-americana a adotar o que "se denominou pretensiosamente 'análise marxista'", no lugar de "uma reflexão especificamente *teológica*, capaz de fundamentar teoricamente, pela mediação do ensinamento social da Igreja, uma autêntica *práxis* social cristã". No âmbito desse mesmo contexto, Padre Vaz suspeita que "outro elemento de explicação da sedução da utopia marxista sobre certa militância cristã poderá, talvez, ser buscado no curioso fenômeno de oscilação entre os extremos da tentação utópica de 'direita', polarizada pelo mito de uma cristandade ideal, e a tentação utópica de 'esquerda', polarizada pelo mito de um porvir cristão da Cidade comunista". Em qualquer dos casos, "a

utopia em sentido *estrito* não é senão o sacrifício da racionalidade política no altar do mito da Cidade ideal".

Nas últimas páginas desse longo Editorial, Padre Vaz reitera a convicção de que a adoção de categorias da análise marxista como *instrumento* para compreender a realidade socioeconômica e política latino-americana é incompatível com o "todo orgânico" que constitui a sociedade vista a partir da "produção material", segundo o pensamento maduro de Marx. Para ser marxista a análise não poderia se reduzir ao uso meramente *instrumental* das categorias, mas seria preciso elevá-las ao "nível dialético próprio no qual se constrói a *síntese* de Marx", de cujo centro emerge uma dimensão utópica "justamente em virtude da inversão materialista a que Marx submete a dialética hegeliana".

Na conclusão do Editorial, Padre Vaz afirma que "Marx tem seu lugar assegurado na grande tradição do humanismo ocidental", como reconheceu em outro Editorial que publicou em *Síntese* por ocasião do centenário de nascimento de Marx, no qual afirma que "o grande sopro humanista que atravessa a obra de Marx deveria bastar para elevar sua herança bem alto sobre as baixas e irrespiráveis planícies do totalitarismo".[23] No momento de fechar sua reflexão sobre Cristianismo e pensamento utópico, sustenta que "o *respeito* pelo gênio de Marx e a honestidade intelectual para com os marxistas sinceros", exigem do "cristão, comprometido com as lutas de libertação e promoção social das classes oprimidas", a afirmação inequívoca da *diferença* infinitamente profunda que os separa:

> de um lado o Absoluto é o Verbo de Deus presente como dom de graça e de justiça no coração da história, Verbo de Deus feito homem, no qual e pelo qual as vicissitudes históricas se elevam do aqui e agora da sua contingência para a plenitude trans-histórica do seu sentido absoluto; do outro, o Absoluto se afirma na demiurgia do homem que reconhece o projeto titânico de construir, fiando no próprio devir dialético da história, a cidade da justiça perfeita na clausura e na imanência do tempo.

Para completar a exposição da compreensão filosófica vaziana dessas questões culturais dos anos 1980, tratadas nos Editorais acima sumariados, seria preciso retomar aqui outros Editoriais da *Síntese,* nos quais o Padre Vaz retoma as ideias mestras da sua reflexão. São eles: "Cultura e religião"[24]; "Fim de milênio"[25], "Política e história"[26] e "Mística e Política"[27]. Ainda nesse contexto seria preciso mencionar a conferência sobre "Religião e sociedade nos últimos vinte anos (1965-1985)", preparada para a reunião anual do Grupo de Reflexão dos Jesuítas, em dezembro de 1986, do qual

---

[23] Cf. "Um centenário: Karl Marx" (Editorial), *Síntese. Nova Fase,* v. 10, n. 27, p. 5-8, jan./abr. 1983.
[24] Cf. *Síntese Nova Fase*, v. 12, n. 35, p. 5-12, set./dez., 1985.
[25] Cf. *Síntese Nova Fase*, v. 14, n. 37, p. 5-11, maio/ago., 1986.
[26] Cf. *Síntese Nova Fase*, v. 15, n. 39, p. 5-10, jan./abr., 1987.
[27] Cf. *Síntese Nova Fase*, v. 15, n. 42, p. 5-12, jan./abr. 1988.

participei pela primeira vez, recém incluído no corpo docente da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus. Essa conferência foi proferida posteriormente na 4ª reunião anual da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), em julho de 1987, e publicada em *Síntese* no início de 1988.[28] A meu ver, a que se poderia chamar de "década de reflexão sobre os problemas de fronteira" entre filosofia e teologia se conclui com o impressionante texto sobre "Religião e modernidade filosófica", escrito para um Seminário sobre Religião e Modernidade (Petrópolis, 1990) e publicado em *Síntese* em 1991.[29] Remeto à entrevista aos *Cadernos de filosofia alemã* aos comentários feitos pelo Padre Vaz sobre esse texto.[30]

Um exercício de sumphilosophein

Segundo o renomado aristotelista Enrico Berti, o verbo *sumphilosophein* aparece pela primeira vez na literatura grega antiga na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, para indicar a concepção aristotélica sobre "aquilo em que para cada um consiste a existência, ou aquilo pelo que se deseja viver", que, em última análise, é a felicidade (*eudaimonia*). O texto sugere que, para os filósofos, a máxima felicidade não é apenas "fazer filosofia" (*philosophein*), mas fazê-la com (*sun*) os amigos.[31]

Evoquei essa lição de Aristóteles para justificar o pequeno exercício de *sumphilosophein* com que pretendo concluir essa reflexão. É notória a presença de dois filósofos no meu itinerário filosófico. O primeiro foi Padre Vaz, com já afirmei aqui, presença marcante como superior religioso no período de meus estudos de teologia na PUC-Rio, conselheiro no tempo do doutorado, companheiro de magistério nos anos de docência na Faculdade de Filosofia dos Jesuítas, quando estabelecemos laços de *amizade filosófica*, que se prolongaram mesmo depois que me desliguei da Companhia de Jesus em 1994. Também já mencionei anteriormente que foi o Padre Vaz quem me "apresentou" Eric Weil e me convenceu a tomá-lo como objeto de minha tese doutoral. Desde então, incluí esse autor na pequena lista de meus antepassados filosóficos,

---

[28] Cf. *Síntese Nova Fase*, v. 15, n. 42, p. 27-47, jan./abr. 1988.
[29] Cf. *Síntese Nova Fase*, v. 18, n. 53, p. 147-165, abr./jun. 1991.
[30] Cf. *Cadernos de filosofia alemã*, art. cit., p. 90-91
[31] Cf. BERTI, E. *Sumphilosophein. La vita nell'Accademia di Platone*. Bari: Editori Laterza, 2010, p. VII-VIII. O texto da Aristóteles é o seguinte: "E aquilo em que para cada um consiste a existência, ou aquilo pelo que se deseja viver, é justamente aquilo em que querem transcorrer o seu tempo com os amigos, por isso alguns bebem juntos, outros jogam dados, outros fazem ginástica juntos e vão à caça juntos ou fazem filosofia juntos (*sumphilosophousin*), e cada um deles passa o dia fazendo aquilo que, entre tudo o que caracteriza a existência, amam acima de qualquer coisa, de fato, dado que querem viver junto com os amigos, procedem assim e compartilham aquela atividade na qual, segundo eles, consiste o viver juntos". (IX 12, 1172 a 1-7. Trad. M. da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 3ª ed. 1999).

criando uma verdadeira *simbiose filosófica* entre a sua obra e a minha rapsódica produção acadêmica no campo da filosofia.

Quero me referir a dois textos de Eric Weil, que se situam no mesmo campo das questões que motivaram a reflexão do Padre Vaz. O primeiro, sobre "A secularização da ação e do pensamento político na época moderna", inclusive citado pelo Padre Vaz no Editorial sobre "Religião e Sociedade",[32] foi originalmente publicado em *Marxismus-Studien*, em 1962, depois traduzido para o francês e publicado no segundo tomo de *Essais et conférences*.[33] O segundo texto, intitulado "Cristianismo e política", publicado na revista *Critique*, em 1953, posteriormente, no mesmo tomo de *Essais et conférences* acima citado.[34] Chama a atenção, como observa Evanildo Costeski, que na ordem dos textos, escolhida pelo próprio Weil, no volume de *Essais et conférences*, o texto sobre a Secularização da ação política vem antes do texto sobre Cristianismo e política, não obstante a diferença de dez anos entre os dois. Escreve Evanildo: "Parece que Weil está a indicar com isso que uma compreensão correta da fé cristã depende de uma compreensão prévia da ideia de secularização".[35]

Não pretendo sumariar o pensamento de Weil nesses textos, trabalho que já foi feito de maneira excelente por Evanildo Costeski no capítulo acima citado. Quero apenas referir brevemente alguns pontos da reflexão de Weil que, a meu ver, estabelecem uma verdadeira comunhão filosófica com a compreensão do Padre Vaz.

O primeiro ponto refere-se à posição de Marx com relação à religião e, particularmente, ao cristianismo. Ao contrário de certas escolas marxistas que optaram por combater ativamente a religião, situando-a no plano ideológico, para Marx, o problema da religião está superado desde o início de sua reflexão pessoal. Para Marx, o cristianismo não é uma "ideologia" incorreta, mas é objetivamente falso no sentido de que não pode ser defendido pela ciência nem contra ela. Por isso, ele é "verdadeiro no sentido hegeliano do termo, pois revela a essência do mundo presente", que é um mundo falso. Nesse sentido, a religião e o cristianismo devem ser *tornados* falsos, histórica e filosoficamente, a partir do momento em que o mundo se *torne verdadeiro* e deixe de produzir a religião, como um tumor produz pus. Isso implica que a realização do mundo moderno, mundo verdadeiro, levará inevitavelmente o ateísmo ao poder. Marx, portanto, não é anti-religioso, ele é a-religioso.[36]

---

[32] Cf. "Religião e sociedade", *op. cit.*, p. 9.

[33] Cf. WEIL, E. "Die Säkularisierung der Politik und des politischen Denkens in der Neuzeit", *Marxismus-Studien*, IV (Tübingenm 1962), p. 144-162; "La sécularisation de l'action et de la pensée politiques à l'époque moderne", *Essais et conférences II*, Paris: Plon, 1971, p. 22-44.

[34] Cf. WEIL, E. "Christianisme et politique", *Critique*, IX (1953), p. 748-776, depois em *Essais et conférences II*, *op. cit.*, p. 45-79.

[35] Cf. COSTESKI, E. "Fé e política segundo Eric Weil", in: PERINE, M. *et al.* (Orgs.), *Pensamento e história*. Michel Foucault, Paul Ricoeur, Eric Weil, São Paulo: É Realizações Editora, 2020, p. 303-318.

[36] Cf. WEIL, E. "La sécularisation de l'action et de la pensée politiques...", *op. cit.*, p. 25-27.

O segundo ponto a destacar é que, segundo Weil, Marx viu, melhor do que os hegelianos da esquerda e alguns marxistas posteriores, que o pensamento de Hegel constitui um nó histórico no qual convergem os fios da filosofia política anterior e a partir do qual eles novamente se dispersam. A visão hegeliana pressupõe que o Estado moderno realizou o cristianismo, pelo menos em princípio. Entretanto, Marx não aceita esse pressuposto. Embora ele esteja de acordo com Hegel (e com Kant) sobre o fato de que o princípio cristão do valor infinito do indivíduo seja o fundamento de todo o pensamento e da ação modernos, ele não se realizou, como Hegel afirmou, mas deve ser realizado. Para Marx, "*De jure*, o cristianismo é supérfluo; *de facto*, ele deve ser tornado supérfluo, a fim de que ele *possa* desaparecer".[37]

Finalmente, mas não por último, segundo Weil, é duvidoso que as predições de Marx sobre o desaparecimento da religião tenham mais chances de se realizar do que as predições do desaparecimento progressivo do Estado. "Mas, resta a Marx o mérito (cuja grandeza pode ser comparada à incompreensão da maioria dos seus sucessores) de ter visto que, mesmo para o ateu em política, desde que ele se compreenda a si mesmo, a ação política permanece limitada ao domínio das condições nas quais o indivíduo, no interior da realidade que lhe é dada, busca e determina o sentido de sua existência – e que esse sentido situa-se fora do domínio político".[38]

Para Weil, a resposta à questão das relações entre cristianismo e política depende de como se compreende o cristianismo e a política. Sobre a política é relativamente fácil estar de acordo com uma definição formal: ela é "a técnica consciente que regra a coexistência dos homens numa sociedade determinada – política interna – e a das nações – política externa". Sobre o cristianismo é menos simples, porque dar uma definição formal de uma religião histórica é perder o essencial. O cristianismo se vive, se ensina, não se define do exterior, "não delimita um domínio da atividade humana, ele é uma maneira de existir do homem todo", e sua unidade consiste, entre todas as diferenças, numa fidelidade comum, concreta na sua oposição a outros modos de existir".[39]

Ao longo da história do cristianismo, a interpretação da sentença evangélica "dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" foi profundamente marcada pela teologia da história de *As duas cidades* de Santo Agostinho, que reconhecia no Estado um bem específico, mas para os filhos de Caim, não para os descendentes de Abel. A tal ponto que foi por essa depreciação que o Estado se tornou autônomo e, por surpreendente que pareça, a atuação da Igreja pela inquisição, "por ter tratado o Estado como puro instrumento de seus fins superiores, reconhecia implicitamente a natureza técnica do Estado, contribuindo assim de maneira decisiva para a laicização da vida política".[40]

---

[37] *Ibidem*, p. 39.
[38] *Ibidem*, p. 44.
[39] Cf. WEIL, E. "Christianisme et politique", *op. cit.*, p. 48.
[40] Cf. WEIL, E. "La sécularisation de l'action et de la pensée politiques...", *op. cit.*, p. 42, nota 22, onde remete à obra de W. E. H. LECKY, *History of the Rise and Influence of the Spirit of Rationalism in Europe*, publicada em 1873.

Na história do Ocidente, que se confunde com a do cristianismo, a antiga ideia de autonomia do político e o "arcaico" princípio da livre consciência foram assumidos por Kant, o "único filósofo do cristianismo em toda a longa história da filosofia 'moderna'", que "não era cristão no sentido de uma Igreja estabelecida", mas que teve enorme influência, porque seu pensamento provinha de um "cristianismo secularizado". Segue-se daí, segundo Weil, que "se uma relação entre cristianismo e política existe, ela não será uma tensão entre mistério transcendente e técnica administrativa. O cristianismo em política será o reconhecimento da identidade da razão no indivíduo e na organização – mais ainda, será a exigência dessa unidade".[41] Se é verdade que a ideia da unidade do gênero humano e o ideal do Estado mundial como fiador da paz universal são mais antigas que o cristianismo, "não é menos verdade que o cristianismo educou a humanidade ocidental a essas ideias e a esses ideais e que só ele lhes deu essa sanção e essa santificação pelas quais um pensamento de filósofo e um projeto de homem entram na consciência coletiva e se transforam em forças políticas".[42]

Existe uma relação do cristianismo com a política. Não existe uma sociologia, uma economia ou uma política cristãs. Há uma consciência cristã dos dados do mundo e ela coincide com toda consciência que pretende ser pensante e universal. Mas "a fé não é deste mundo e, enquanto *fé*, não é universalizável, porque depende, segundo os próprios princípios do cristianismo, de um ato livre da graça". Segundo Weil, "existe um ideal político que, graças ao cristianismo, tornou-se o ideal da humanidade ocidental", mas não existe "política cristã no sentido em que se fala de política reacionária, liberal, revolucionária e outras", pois "o cristão está na política como todo homem razoável e se ele quer jogar o jogo, deverá observar as regras". O que Weil acredita poder afirmar é que "o cristão não verá na política o essencial de sua vida; verá nela a condição exigida para que a salvação possa ser oferecida a todos os homens. Mas ainda aí ele está de acordo com toda a filosofia, antiga, cristã e pós-cristã, de Platão a Hegel, até Marx".[43]

Concluindo

Recorro mais uma vez ao Estagirita para afirmar, nessa conclusão, uma convicção herdada de meus antepassados filosóficos. Assim Aristóteles começa o livro *Alfa élaton* da *Metafísica*:

> Sob certo aspecto, a pesquisa da verdade é difícil, sob outro é fácil. Prova disso é que é impossível a um homem apreender adequadamente a verdade e igualmente impossível não apreendê-la de modo nenhum: de fato, se cada um pode dizer algo a respeito da realidade, e se, tomada individualmente,

[41] Cf. WEIL, E. "Christianisme et politique", *op. cit.*, p. 72 s.
[42] *Ibidem*, p. 74 s.
[43] *Ibidem*, p. 77.

> essa contribuição pouco ou nada acrescenta ao conhecimento da verdade, todavia, da união de todas as contribuições individuais decorre um resultado considerável[44]

No presente caso, o que está em questão é o resultado considerável que se pode extrair da união das contribuições de um cristão, que se situa explicitamente no interior da tradição cristã de pensamento filosófico e teológico, e as de um judeu, "situado, por mais de uma razão, fora de todo cristianismo dogmático (o que não exclui, ao contrário, que o autor dessas páginas, como todo homem moderno, não seja um produto da 'civilização cristã')".[45]

Para o(a) leitor(a) benévolo(a) que me seguiu até aqui, espero ter sido suficientemente claro, malgrado a compressão a que submeti os textos de Padre Vaz e de Eric Weil acima sumariados, sobre as sintonias entre as compreensões de alguns problemas de seu tempo, que ainda é o nosso. A visão desses dois anões, que se colocaram sobre os ombros de dois gigantes – Hegel e Kant, respectivamente –, foi mais longe do que a dos gigantes.[46] As análises de Padre Vaz e de Eric Weil sobre questões como a relação entre Cristianismo e Ocidente, Cristianismo e Política, assim como suas análises da obra madura de Marx no que diz respeito à relação do marxismo com a religião, particularmente com o Cristianismo, bem como a contribuição de Marx para a compreensão da ação política no interior da sociedade e do Estado modernos traduzem, substancialmente, uma comunhão na concepção da filosofia e do filosofar com a que foi sintetizada por Hegel no Prefácio da *Filosofia do direito:* "No que concerne ao indivíduo, cada um é de toda maneira um *filho de seu tempo*; assim a filosofia é também *seu tempo apreendido em pensamento*"[47]. Com efeito, para Eric Weil, a filosofia não é mais que "a reflexão da realidade no homem real"[48], e, para o Padre Vaz, como afirmou na memorável *Lectio magistralis* intitulada "Morte e vida da filosofia", que considero seu testamento filosófico, "o exercício do ato de filosofar é sempre uma 'rememoração' (uma *Erinnerung*, como diria Hegel), e uma 'atenção' que podemos chamar conceptualizante, ou seja, pensada, refletida e discursivamente explicada, à realidade".[49]

Evidentemente, entre um filósofo judeu, que se situa fora de todo cristianismo dogmático, para quem Deus é uma categoria do discurso

---

[44] ARISTÓTELES, *Metafísica* II, 993 a 30 – 993 b 3 (Trad. G. Reale/M. Perine, São Paulo: Edições Loyola, 2002).
[45] Cf. WEIL, E. "Christianisme et politique", *op. cit.*, p. 63.
[46] Remeto aqui ao adágio da sabedoria das nações, citado por Eric Weil na conclusão do Prefácio de seus *Problemas kantianos*, trad. L. P. Rouanet, São Paulo: É Realizações, 2012, p. 10 s.
[47] Cf. HEGEL, G. W. F. *Linhas fundamentais da filosofia do direito*. Prefácio, trad. de Paulo Meneses *et al*., São Leopoldo: Ed. Unisinos; São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 43.
[48] Cf. WEIL, E. "Souci pour la philosophie. Souci de la philosophie", *Philosophie et Réalité*. Derniers essais et conférences. Paris: Beauchesne, 1982, p. 7-22, aqui p. 13.
[49] Cf. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 18, n. 55, p. 677-691, out./dez. 1991, aqui p. 684.

filosófico,[50] e um filósofo cristão, para quem o fato do Cristo é o evento principial e fundador de uma razão discursiva legítima, que compreende a história como *história da salvação*, há diferenças substanciais na compreensão da relação entre fé e razão. Mas não é este o ponto que motivou a presente reflexão. Entretanto, eu não poderia concluir esse exercício de "filosofar com" dois de meus antepassados filosóficos, sem me referir ao último texto publicado pelo Padre Vaz na revista *Síntese*, que chamei de principal veículo de publicização de seu pensar filosófico, que assinala, entre outras coisas, a *identidade* na *diferença* entre seu filosofar e o de Eric Weil.

Na conclusão da conferência "Humanismo hoje: tradição e missão", pronunciada na abertura do Congresso de Humanismo Latino, promovido pela Fondazione Cassamarca e pelo Instituto Jacques Maritain (PUC-MG), exatamente um ano antes de seu falecimento, Padre Vaz afirma que a lógica que presidiu sua conferência consistiu num "aprofundamento sempre mais rigoroso da *identidade teórica* do humanismo teocêntrico a partir de suas fontes *históricas*". Tendo afirmado que "a *identidade* mais profunda é justamente aquela que torna possível a verdadeira relação de *diferença*", ousou também afirmar que "a poderosa componente identitária recebida pela nossa civilização da tradição do humanismo teocêntrico [...], deu origem ao único processo historicamente conhecido de efetiva universalização de uma ideia de humanidade, conduzido segundo uma dialética adequada de identidade e diferença"[51].

Ao saudoso mestre, não apenas em memória, mas também em louvor.

Bibliografia (com exceção de Padre Vaz)

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos.* Trad. M. da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 3ª ed. 1999.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. G. Reale/M. Perine, São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BERTI, E. *Sumphilosophein. La vita nell'Accademia di Platone*. Bari: Editori Laterza, 2010.

COSTESKI, E. Fé e política segundo Eric Weil. In: PERINE, M. *et al.* (Orgs.), *Pensamento e história*. Michel Foucault, Paul Ricoeur, Eric Weil, São Paulo: É Realizações Editora, 2020, p. 303-318.

[50] Cf. WEIL, E. *Lógica da filosofia*, trad. L. C. de Malimpensa, São Paulo: É Realizações, 2012, p. 248-286. Sobre a categoria Deus na *Lógica da filosofia* de Weil, cf. PERINE, M. "Deus no discurso filosófico", *Síntese Nova Fase*, v. 20, n. 63, p. 477-497, out./dez. 1993; republicado em: ID., *Eric Weil e a compreensão do nosso tempo*. Ética, política, filosofia, São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 227-263.

[51] Cf. VAZ, H. C. de. "Humanismo hoje: tradição e missão", *Síntese. Revista de Filosofia*, v. 28, n. 91, p. 157-168, maio/ago. 2001, aqui p. 167.

DOMINGUES, I. *Filosofia no Brasil.* Legados & Perspectivas. Ensaios metafilosóficos. São Paulo, Editora Unesp, 2017.

HEGEL, G. W. F. *Linhas fundamentais da filosofia do direito*. Prefácio, trad. de Paulo Meneses *et al*., São Leopoldo: Ed. Unisinos; São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LADUSÃNS, S. (Coord.). *Rumos da Filosofia atual no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola, 1976.

LEOPOLDO E SILVA, F. Filosofia e forma da ação. Uma entrevista de Henrique Claudio de Lima Vaz, *Cadernos de Filosofia Alemã* 2, 1997, p. 77-102.

NOBRE, M.; REGO, J. M. (Orgs.). Entrevista com Henrique Claudio de Lima Vaz. In: *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.

OLIVEIRA, C. M. R. de. A filosofia de Henrique Cláudio de Lima Vaz, *Argumentos. Revista de Filosofia*, ano 13, n. 25, jan./jun. 2021, p. 206-214.

PALÁCIO, C. (Coord.). *Cristianismo e histórica*, São Paulo: Edições Loyola, 1982.

PERINE, M. Deus no discurso filosófico, *Síntese Nova Fase*, v. 20, n. 63, p. 477-497, out./dez. 1993.

PERINE, M. *Diálogos com a cultura contemporânea.* Homenagem ao Pe. Henrique Claudio de Lima Vaz SJ, São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PERINE, M. *Filosofia e violência*. Sentido e intenção da filosofia de Eric Weil, São Paulo, Edições Loyola, 1987 (2ª ed. 2013).

PERINE, M. Padre Vaz no meu caminho filosófico, *Argumentos. Revista de Filosofia*, ano 13, n. 25, jan./jun. 2021, p. 199-205.

WEIL, E. Christianisme et politique, *Essais et conférences II*, Paris: Plon, 1971, p. 45-79.

WEIL, E. La sécularisation de l'action et de la pensée politiques à l'époque moderne, *Essais et conférences II*, Paris: Plon, 1971, p. 22-44.

WEIL, E. Souci pour la philosophie. Souci de la philosophie, *Philosophie et Réalité*. Derniers essais et conférences. Paris: Beauchesne, 1982, p. 7-22.

WEIL, E. *Lógica da filosofia*. Trad. L. C. de Malimpensa, São Paulo: É Realizações, 2012.

WEIL, E. *Problemas kantianos*. Trad. L. P. Rouanet, São Paulo: É Realizações, 2012.

Endereço do Autor:

R. Itacolomi, 258 – Apto. 11
Higienópolis
01239-020 São Paulo – SP

mperine@gmail.com